

Resenha da *Coleção* *Ato Psicanalítico* – Editora Anna Blume

Christian Ingo Lenz Dunker

Depois de quase trinta anos, podemos dizer que a psicanálise de extração lacaniana implantou-se definitivamente no Brasil. Contudo, ainda é cedo para saber o que isto significa nos termos do que Antonio Candido, a propósito da literatura, chamou de sistema de formação. Um sistema de formação é algo mais que um conjunto regular de leitores, uma conversa contínua entre autores, envolvendo dispositivos de produção e sua respectiva política cultural. Um sistema de formação é diferente de uma série ordenada de recepção de ideias e de multiplicação de práticas. Ele compreende ainda efeitos de unidade e identificação. Só então pode-se reconhecer a existência de um sistema de transmissão literário. De modo análogo, pode-se dizer que hoje há um sistema de transmissão da psicanálise, quicá lacaniana, no Brasil. E talvez não tenha sido o primeiro.

Haroldo de Campos ressalta que um sistema de transmissão não é tudo, que a própria noção de transmissão limita, senão exclui a função poética e metalinguística da linguagem. No caso da literatura brasileira isso ficou conhecido como a exclusão do Barroco, notadamente de Gregório de Matos, como elemento constituinte de nossa literatura. Questão que no caso da psicanálise não deveria assumir a forma da oposição entre nativismo e globalização de costumes psicanalíticos, mas a da efetiva contribuição da psicanálise ao debate público brasileiro e a consequente capacidade de absorção de seus temas, dificuldades e contratempos. Ou seja, nos termos da exigência pragmático-chistosa estabelecida por Freud: *somos capazes de contar a piada fora de nossa própria paróquia?*

Para ultrapassar o escopo do sistema de formação não basta, portanto, o matema; é preciso, também, o poema, e talvez esta seja realmente sua condição maior de existência. O poema em sua grauidade, em sua *lalíngua*, em sua autorreferencialidade introduz o suspense nas engrenagens da transmissão, indicando que seus efeitos são refratados fora do solo previsto para sua recepção. Cabe aqui lembrar este trecho da primeira página do ensaio-chave no qual Haroldo de Campos aponta a solidariedade entre a noção de trans-

missão e a construção de uma história feita de atos de não reconhecimento, de subtrações forçadas, de sequestros:

No caso brasileiro, este enredo metafísico vê acrescida à sua intriga uma componente singular de “suspense”: o nome-do-pai (*le nom du père*) apresenta-se (ou ausenta-se), desde logo, submetido à rasura e em razão, exatamente de uma “perspectiva histórica”.¹

1. CAMPOS, Haroldo (1989). *O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: o Caso Gregório de Matos*. Iluminuras, São Paulo, 2011.

A alusão ao conceito de Lacan, retomado de um texto brasileiro da década de 1970, não é gratuita ou ocasional. Ela indica o ponto no qual nosso próprio discurso é antecipado por efeitos de recepção no debate cultural. Isso faz lugar, o que não significa que o tenhamos assumido como posição própria. Se para um sistema de formação a origem é o conceito central, para a constituição de uma prática de desintegração cultural é preciso contrapor o lugar. A origem sem lugar é cega, o lugar sem origem é vazio. A categoria que consegue articular duas superfícies, de modo unilátero, é justamente a noção de *ato*, que escolhemos para designar uma coleção de livros de psicanálise que ora apresento.

O discurso não é o ato e o ato não é o movimento. Limitados às exigências que definem uma linha editorial – concernida ao espaço de um pequeno coletivo cultural, formado por relações de livre colaboração, premida por mazelas universitárias –, pensamos em favorecer um debate sobre a justificação e fundamentação de nossa prática. Um debate que force o matema contra o poema. Um debate que tente reintroduzir o real que está em jogo na formação, e cada psicanalista, agora do ponto de vista de sua inserção no debate público, que condiciona sua existência, social, epistêmica ou política.

Quando verificamos condições necessárias para a existência de um sistema de formação, podemos dizer que temos um conjunto e seu domínio, temos uma função, com seu argumento e variáveis. Mas este conjunto ainda não forma, necessariamente, uma topologia. É preciso introduzir ainda os valores, e é neste momento que um determinado regime de verdade, em sua estrutura de ficção, é confrontado com o Real em suas diferentes impossibilidades: metalinguísticas, discursivas e autorreferenciais. *Lembremos que uma coleção T de subconjuntos de X é uma topologia em X se, e somente se, T satisfaz os seguintes axiomas: X e \emptyset pertencem a T ; a **união** de um número qualquer de T pertence a T ; a **interseção** de dois conjuntos quaisquer de T pertence a T .*² Há, portanto, regras de associatividade lógica que definem condições de reconhecimento, de modo que um determinado sistema é capaz de formar regularmente unidades (união) e também diferenças (interseção). Contudo, condições não são fatos, e conjecturas não são existências. Passar do conjunto, matéria-prima que rege um sistema de formação; para a topologia, substância na

2. LIPSCHUTZ, Seymour. *Topologia Geral* McGraw Hill, Rio de Janeiro, 1971.

qual se constitui o espaço mais extenso da política e da cultura, é sempre uma experiência contingente. Como toda passagem.

Para isso, tal qual a torção que define o Barroco, é preciso encontrar este ponto sem volta, a partir do qual torna-se indiscernível a fronteira entre o que é letra universal e o que é traço local no conjunto articulado de uma produção. Por outro lado, é preciso criar condições que tornem indecíveis as regras de pertencimento e de inclusão pelas quais a identidade pode ser reconhecida em discurso e na prática do saber. Tal qual a consciência esclarecida que define o Romantismo. Nada muito diferente do que se espera de uma Escola que ambiciona ser reconhecida pela forma particular como produz o fracasso da identidade universal de seu próprio conjunto. Isso traz alguns elementos particulares. Quando se trata da entrada no espaço público, quando se trata de publicar, em uma determinada língua, sob um determinado escopo cultural, há sempre duas dimensões tensionadas, que é preciso traduzir, transliterar ou transcriar; a do matema-universal-necessário ao *sistema de formação* e a do poema-particular-contingente à *constituição de uma nova prática*.

A *Coleção Ato Psicanalítico* objetiva tornar público trabalhos de orientação psicanalítica voltados para a reflexão sobre sua prática clínica. Nosso objetivo é publicar tanto estudos temáticos sobre grandes figuras da psicopatologia psicanalítica, quanto desenvolvimentos de formalização e crítica sobre a estrutura do tratamento, o diagnóstico e as variedades de intervenção. Incluem-se neste projeto estudos epistemológicos sobre a história e constituição da clínica psicanalítica, com ênfase na perspectiva de Freud e de Lacan, privilegiando a interlocução com a filosofia e a teoria social crítica.

Ato Psicanalítico é uma noção introduzida em psicanálise por Jacques Lacan, com o objetivo de pensar o conjunto da experiência psicanalítica. É sabida a crítica que este autor faz da ideia de técnica, da padronização de procedimentos e da reificação da prática, com o conseqüente esquecimento do conceito de práxis. Pensar o tratamento como uma experiência dialética ou como uma exploração ética do inconsciente, em afinidade com o desejo do psicanalista, foram as respostas iniciais de Lacan à questão da técnica. Contudo, mais ao final de seu ensino surge esta noção de *ato psicanalítico* como expressão de uma tentativa de formalização lógica do tratamento. Quais seriam seus momentos cruciais? De que forma variam as estruturas fundamentais da cura? Como encontrar e transmitir a regularidade do que se poderia esperar do tratamento, em seu início e em seu fim? O que fazemos quando fazemos psicanálise? Quais são os litorais desta prática? É esta prática, ela mesma, una e indivisa? Ou múltipla, efêmera e fragmentária?

Entendemos que a extensa, contudo recente tradição de comentário e elucidação conceitual sobre a psicanálise de orientação lacania-

na ainda está longe de estabelecer um consenso sobre os elementos da prática, sobre as modalidades de intervenção, sobre as estratégias de transferência ou sobre as políticas da cura. Vivemos ainda um momento de luta pelo hegemonismo do legado lacaniano, que tende a ser superado pelo real da experiência e pela verdade da difusão da clínica psicanalítica muito além de seu enquadre típico. As variantes da cura mostram que o que há de comum é a sua variação. É neste ponto que a psicanálise tem descoberto novas e inusitadas exterioridades. Inversamente nunca tantos psicanalistas escreveram, leram e falaram com tantos outros psicanalistas. Os sistemas genealógicos hierárquicos e verticais de transmissão dificilmente sobreviverão a isso. Pode se ler aqui apenas sinais de desorientação, mas também, ou talvez, sinais de outras formas de orientação, nem orientadoras, nem ocidentalizadoras, nem acidentalizadoras.

Por outro lado, os tipos de direção e as táticas clínicas refletem muito mais a maneira singular como uma proposta de formação de psicanalistas autoriza a diversidade de estilos do que o consenso normativo ou a concorrência epistêmica. É tempo de reunir a extensão e polissemia da noção de ato em uma série que tente confrontar suas variações sem esperar homogeneidade. Ato poético, ato político, ato estético, ato ético. O ato psicanalítico apresenta-se nas bordas entre gesto e comportamento, entre atitude e disposição, entre aposta e estilo.

Escolhemos editar nesta coleção volumes que são, preferencialmente, produtos de pesquisa atual em psicanálise, orientada pela tradição lacaniana e para a formalização crítica da prática clínica. A *Coleção Ato Psicanalítico* representa uma iniciativa original de uma editora paulista, disposta a publicar tanto escritos recentes quanto de autores consagrados em orientação lacaniana. Privilegiando textos de inovação clínica, crítica e conceitual, a coleção visa favorecer um espaço de diálogo entre psicanalistas de orientação lacaniana que até agora publicam em revistas específicas, edições isoladas ou coleções provenientes de outros estados.

No primeiro volume *Dimensões do Ato em Psicanálise*, Ronaldo Torres trata da proposição de uma solução para uma conjectura de Lacan. Conjectura chamada *ato analítico*. Ou seja, este não é um livro apenas descritivo, mas possui a ambição de propor uma solução possível para um bom problema legado por Lacan. É um livro que tem o tom de uma nova época dentro dos estudos lacanianos, quiçá um convite ao ultrapassamento destas falsas fronteiras que grassam na psicanálise. A reconstrução clara do caminho lógico feito por Lacan desde a teoria dos conjuntos até o uso do grupo de Klein, para definir o ato analítico, conjuga-se à redescoberta da insistência ética da noção de ato. É neste ponto que se introduz a hipótese de nosso autor sobre os atos falhos e a ação específica no tempo. Mas isso, é preciso insistir, *Lacan não disse*. Foi uma invenção de nosso autor.

No segundo volume *Causalidade e Desencadeamento na Clínica Psicanalítica*, Ana Paula L. Gianesi examina cada um dos grandes casos de Freud e de Lacan em busca da concepção prática e teórica de causalidade e desencadeamento, empregados na clínica destes autores. Causalidade que se dissemina no texto freudiano, no quadro de uma concepção sobre a gênese e estrutura do patológico, notadamente da formação de sintomas. Sintomas que se distinguem de inibições, que não são o mesmo que as formas da angústia. Em Lacan, a teoria freudiana das quatro causas se desdobra e ramifica, como nos mostra o brilhante trabalho de Ana Paula, entre a noção de determinação, desenvolvida em torno e em dependência da teoria do significante, e a teoria propriamente da causa, conexas da noção de *objeto a*.

O terceiro volume, *A Pele como Litoral – Fenômeno Psicossomático e Psicanálise*, foi organizado por Heloísa Ramirez, Tatiana Assadi e por mim, tendo em vista nosso trabalho nos hospitais de São Paulo no escopo da Linha de Pesquisa em Psicossomática (agora chamada Sintoma e Corporeidade) do Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo. São quase dez anos de pesquisas clínicas em torno, principalmente, dos quadros de vitiligo e psoríase, envolvendo inúmeras particularidades do trabalho junto aos dermatologistas, instituições hospitalares, agências e instâncias universitárias pelas quais passaram muitos de nossos jovens analistas, colaborando consistentemente com seus percursos formativos. A exigência teórica de um modelo que distinga semiologicamente a lesão de órgão do fenômeno psicossomático, as implicações desta descoberta para nossos procedimentos diagnósticos, a experiência das consultas compartilhadas e os desenvolvimentos sobre construção de casos clínicos faz deste estudo um caso exemplar de associação entre pesquisa e extensão, entre clínica e formação e entre invenção e aposta.

O quarto volume, previsto para agosto de 2011, chama-se *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica – uma arqueologia das práticas de cura, tratamento e terapia*, de minha autoria, propõe uma história das práticas que deram origem e lugar à psicanálise, da retórica e medicina da antiguidade até Descartes, Kant e Hegel.

O quinto volume *O Que é o Inconsciente?*, de Colette Soler, previsto para o final deste ano, traz um exame circunstanciado da noção mais elementar da psicanálise, o inconsciente, mostrando sua pujança conceitual crítica no contexto das novas práticas psicobiológicas e psicoeducativas de tratamento da alma. Cruzando Freud e Lacan com seus estilos rigorosos, ela mostra a força deste conceito desde sua descoberta na clínica freudiana da histeria até a noção de inconsciente real em Lacan.

O sexto volume, previsto para o final deste ano, *Psicanálise Lacaniana – revolução na subjetividade*, do psicanalista e teórico crítico inglês Ian Parker, aborda as principais condições ideológicas do

aparecimento da prática psicanalítica na modernidade, suas relações com o capitalismo e com a produção e a resistência aos modos hegemônicos de alienação, bem como um balanço crítico das soluções apresentadas por Lacan.

Temos, como horizonte, o deslocamento da prática de comentário do texto e da tradução isolada para a valorização do diálogo e colaboração entre autores nacionais e internacionais. Tanto as universidades quanto os centros de pesquisa e ainda as associações psicanalíticas passam por um processo de intensa internacionalização. Isso gera colaborações continuadas no âmbito institucional que requerem uma nova frente de publicação. Nossa linha editorial favorece, nesta medida, a publicação de textos inseridos em projetos de pesquisa, pós-doutorados e doutorados, convênios e colaborações, que envolvam autores nacionais em contato com psicanalistas de outros países.